

Noticiário internacional: um mapa de contradições e influências ideológicas e
econômicas¹

Maria José Baldessar²

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O artigo traz uma análise do fluxo internacional noticioso a partir de uma contextualização dos países e assuntos mais noticiados em determinado recorte de tempo e em determinados veículos de comunicação do Brasil – JB Online, O Estado.com, O Globo Online e agências internacionais de notícias, EFE e Reuters, além do Centro de Informações da ONU. É resultado de pesquisa de doutoramento já concluída, e, embora confirme o fluxo informativo, evoca a possibilidade internet romper fronteiras ideológicas, geográficas e econômicas para dar outro caráter ao fluxo noticioso.

Palavras-Chave: jornalismo internacional, novas tecnologias, fluxo noticioso.

“Outro pensamento vinha-lhe a mente [...] à medida que os meios de comunicação se tornavam cada vez mais extraordinários, as notícias pareciam cada vez mais banais, escandalosas ou deprimentes. Acidentes, crimes, desastres naturais ou provocados pelo homem, ameaças de guerra, editoriais pessimistas continuavam a ser o principal assunto dos milhões de palavras enviadas [...].”

Arthur Clarke

¹ - Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, espaço e Cidadania, no NP Geografias da Comunicação do XXXII Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação.

² - Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Integrante do Núcleo de Televisão Digital Interativa e do Núcleo de Estudos e Produção Hiperídia Aplicados ao Jornalismo.

Onde fica a Inguchétia ou o Azerbaijão? Quais países integram a tal Federação Russa? Ou outras como: na Finlândia e Suíça não ocorre nada noticiável? Um acidente de carro, uma avalanche? E no Sudão, Congo, Somália e outros países da África a fome é uma coisa passageira que merece ser notícia só quando alguém alerta sobre a situação ou, ao contrário, o estado das coisas por lá é tão caótico que fome e morte já viraram banalidade e não interessam mais a um mundo que vê o resto do mundo através das notícias produzidas e distribuídas pelas agências internacionais? Essas perguntas podem ser facilmente respondidas numa aula de geografia ou numa rápida pesquisa na Internet.

Para tentar responder a essas questões, optamos por analisar os despachos das agências internacionais EFE e Reuters e do Centro de Informações da ONU e de como esse material aparece nos pesquisados brasileiros, a saber: JB Online e O Estado de São Paulo Online e O Globo online, em uma pesquisa exploratória que resultou na tese de doutoramento.

Notícia e noticiabilidade

Para Sousa (2000:16) são seis os fatores ou níveis de influência sobre a notícia: (1) ação pessoal; (2) ação social; (3) ação ideológica; (4) ação cultural; (5) ação histórica; e (6) ação do meio físico e tecnológico. Se analisarmos um a um, veremos que a combinação destes fatores ou ações, como denomina o autor, nos dá um panorama do que lemos cotidianamente. Os fatores históricos, culturais, ideológicos estão sempre presentes na discussão da noticiabilidade. A história se fez dia-a-dia na queda do muro de Berlin ou, mais recentemente, na passagem das tsunamis na Ásia, que mataram mais de 300 mil pessoas. A decisão pessoal de quem produz diz respeito a como o jornalista ou suas fontes vêem o mundo e a importância dos fatos vividos; da mesma forma a ação cultural. Para Véron, é a questão ideológica determina a agenda noticiosa internacional.

“A ideologia relacionada às classes dominantes apresenta-se sempre como universal, a ordem existente aparece como legítima, como a única concebível, não havendo por detrás dessa ordem decisões derivadas de um projeto político.” (Véron, 1977: 168)

Já o meio físico e tecnológico sempre foi deixado de lado, até a ascensão da Internet. Embora se reconheça que a difusão de tecnologia não é igual em todos os cantos do planeta, é preciso lembrar que atualmente o acesso à informação noticiosa está mais fácil. De acordo com a ONU, 189 dos 191 países filiados dispõem hoje de *site* com informações sobre população, economia, vida política e notícias, sejam eles produzidos pelo governo, algum ministério ou embaixada³.

No entanto, como o estado não pode ser o único responsável pela divulgação de informações sobre determinada situação ou região, as limitações tecnológicas de muitos países impedem a difusão informativa. Se verificarmos os dados do PNUD acerca da possibilidade de adquirir conhecimento, ou seja, acesso a telefone, telefone móvel e Internet as diferenças mundiais são gritantes. Se na Suécia 573,1 pessoas em cada grupo de mil são usuárias de Internet, em Serra Leoa esse número não passa de 1,6 pessoas.

Por outro lado, boa parte das ONGs – Organizações Não-Governamentais - que trabalham em países em desenvolvimento e pobres dispõem de serviços informativos via Internet, colocando à disposição dos meios de comunicação conteúdos diferenciados e contextualizados. Então, se a informação está disponível num ou noutro lugar, porque não há diversificação de assuntos, enfoques e países na mídia global?

O editor de Internacional de OEstado Online, Carlos Pavan, nos dá pistas para entender essa questão quando fala em como se dá o descarte de material dos boletins noticiosos recebidos pela redação:

“julgamos pela relevância; assim, protestos no Nepal tendem a ser ignorados a menos que o fato nos obrigue o contrário, ao passo que protesto na França ou nos EUA tendem ser publicados e acompanhados. Mas admito que isto é um certo colonialismo das máquinas de notícia.”⁴

Já o editor de OGlobo Online, Toni Marques se refere ao volume do material recebido das Agências e a dificuldade de enquadrá-las em categorias de interesse do leitor.

³ - Reportagem publicada no Jornal *Folha de São Paulo*, caderno de Informática, em 31 de outubro de 2001.

⁴ - Entrevista concedida em 13 de abril de 2006.

“O número de notícias que recebemos por dia é fabuloso. São centenas de reportagens remetidas pelas duas fontes que assinamos, Reuters e EFE. Em volume são quase duas mil, mas o número é enganoso, porque se repetem, são ampliadas, corrigidas e ainda trazem os boletins econômicos. E depois ainda temos a dificuldade de descartar essa ou aquela.”⁵

A resposta acima pode ser conferida se analisarmos, como conclui Steinberger (2005), que o uso do Agendamento predomina sobre o noticiário uma vez que a produção de notícias, em escala como se dá com as agências noticiosas, está ligada a valores e consensos do capitalismo internacional.

As afirmações dos editores dos pesquisados brasileiros acerca da utilização de outras fontes, como *sites*, são contraditórias:

“Entramos em qualquer *site* que julgamos necessário, da chancelaria de Israel ao *blog* que reproduz o último vídeo da Al-Qaeda, do jornal colombiano à assessoria de imprensa de um parque de diversões, isso depois de recebermos a informação acerca de determinado acontecimento mundial” (Entrevista com Toni Marques – *ibid*)

Assim, no aprofundamento da nossa análise verificamos que, apesar da tecnologia e da facilidade em obter informações, o acompanhamento dos fatos no mundo está diretamente ligado com o material informativo distribuído pelas agências e seus critérios noticiosos.

A Internet como fator de mudança

Um estudo da Pew Internet and American Life Project mostra que cerca de 50 milhões de norte-americanos usam a Internet diariamente para ter acesso a notícias. A

⁵ - Entrevista concedida em 20 de março de 2006.

pesquisa mostra que, entre os usuários dos americanos com conexão rápida, a *web* tem presença mais constante na aquisição de informações do que os jornais locais e nacionais. Ainda, segundo o estudo, 43% dos internautas que têm banda larga lêem notícias na internet diariamente. Entre este público, 38% afirmam se informar pelo jornal local e 17% utilizam um periódico nacional para se atualizar. Quando considerados os usuários com conexão discada, os valores vão para 26% (internet), 41% (jornal local) e 12% (diário nacional). Em ambos os grupos, os noticiários locais exibidos pela televisão aparecem como a principal fonte de notícia: 65% dos usuários de conexão discada utilizam esta alternativa como fonte de informação, contra 57% dos internautas com acesso à banda larga. Do total dos entrevistados com acesso à *web*, 32% visitam os *sites* de seus jornais favoritos, índice que sobe a 36% quando se considera apenas os usuários com conexão rápida.

Ainda segundo a Pew Internet and American Life Project, nos últimos quatro anos o acesso à internet nos EUA subiu de 58% para 70% da população adulta. Em relação à banda larga no ambiente doméstico, o número subiu de 20 milhões de adultos (ou 10% deles) para 74 milhões (37%) no mesmo período. As ferramentas dispostas na rede nos revelam, a cada dia, novas formas de comunicação e interação. Não há como qualquer pesquisador ignorar o crescimento dos *blogs* e, a cada dia, seu fortalecimento.

A chamada *blogsfera*, expressão que designa os *web logs*, ou simplesmente *blogs* - os diários da internet - praticamente dobra a cada 5,5 meses. A cifra é do portal de *blogs* Technorati, especializado nesse tipo de meio, e indica que o número de diários *on line* cresceu 60 vezes nos últimos três anos. O *site* apresenta os números de um levantamento recente que indicam que são criados cerca de 80 mil novos *blogs* diariamente, praticamente um novo blog a cada segundo. Muitos são abandonados em pouco tempo, mas cerca de 13,7 milhões de “blogueiros” fazem de seus diários um hábito, mantendo seus relatos e comentários até 3 meses após sua criação. Atualmente, o *site* acompanha a atividade de 27,2 milhões de *blogs*. Com esses números expostos ainda é possível duvidar da credibilidade e das mudanças que a Internet trouxe para a comunicação – pessoal e inter-pessoal – e para o jornalismo? É impossível voltar atrás e acabar com os *blogs* na tentativa de restaurar o controle e o monopólio da informação

pelos grandes redes de comunicação. Quando as pessoas conquistam o direito de publicar suas opiniões, ganham um poder enorme e também uma responsabilidade inédita, que muitos ainda ignoram. O que se impõe é criar na blogosfera um novo consenso sobre o uso da informação, projeto no qual os jornalistas têm muito a dizer.

Um mundo de números

O número de notícias distribuídas pelas agências é volumoso, embora muitas vezes o acompanhamento de um fato gere diversos boletins sobre o mesmo assunto. Para mensuração do número de países noticiados usamos como referência o total de países membros da Organização das Nações Unidas, 191. Assim, no período pesquisado, 15 dias corridos, clipamos um total de 3.468 matérias, sendo 1.221 distribuídas pelo escritório da Reuters-Brasil, 2.104 pela EFE e 143 pelo Centro de Informações da ONU.

Ressaltamos que foram descartadas as notícias sobre esportes, boletins econômicos (bolsa de valores e valor de moeda) e boletins culturais (lançamento de filmes e livros).

A Reuters tem um aproveitamento noticioso maior. Enquanto, o percentual da EFE corresponde a 44,1% , e o do Portal da ONU a 15,1% . (Figura 1)

Quanto aos pesquisados no Brasil, O Globo Online publicou 701 notícias, JB Online, 474 e O Estado Online 487, em relação às duas distribuidoras. À exceção de O Estado Online, que publica um volume considerável da Associated Press (AP), por ser seu distribuidor exclusivo no Brasil, o volume de aproveitamento da Reuters e EFE é semelhante nos três casos. Quanto às notícias provenientes da ONU sua publicação é episódica e eventual, uma vez que seu conteúdo nem sempre é factual e apresentam determinado contexto, quase em formato de reportagem.

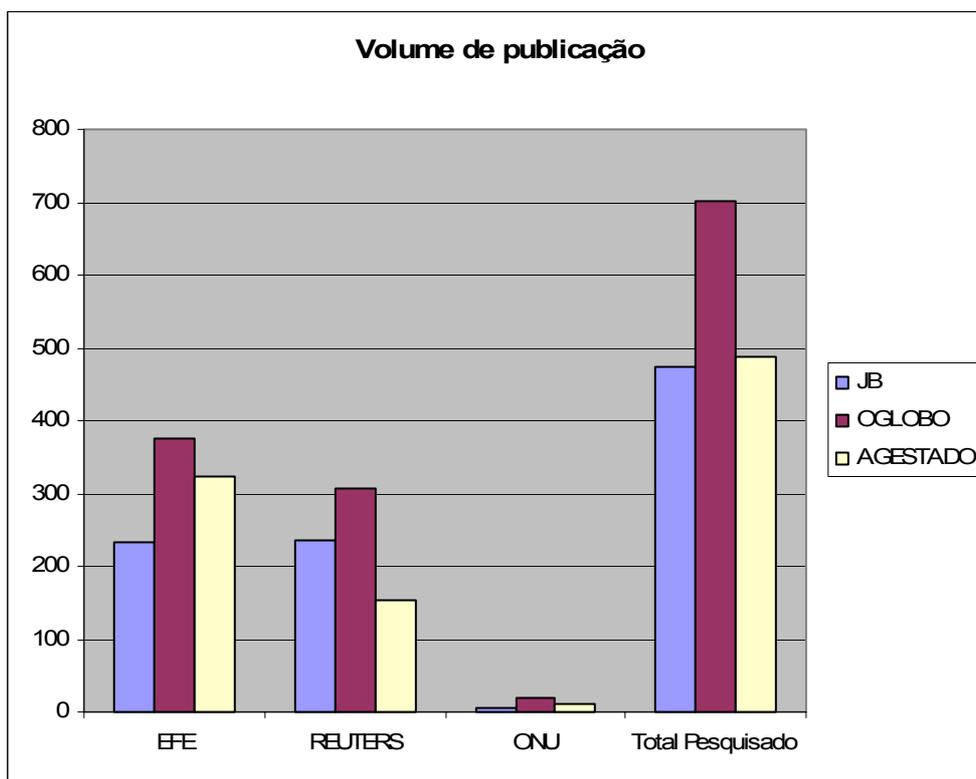


Figura1 – Volume de publicação por agência

É interessante notar que tanto OGlobo Online quanto OEstado têm fluxo contínuo, ou seja, não interrompem o fornecimento de notícias durante o período noturno e a madrugada. Já o JB Online, contraditoriamente, se comporta como um jornal impresso – começa a noticiar por volta das 7 horas da manhã e encerra às 21 horas.

A EFE divulgou, no período pesquisado, informações de 77 países filiados à ONU e cinco não filiados, totalizando 82. Os mais noticiados pela Agência foram: Iraque com 230 inserções, EUA com 229 inserções; Palestina com 211 inserções; e Israel com 198. A Agência expediu apenas um único boletim noticioso acerca de 15 países, entre eles Quênia, Panamá, Holanda, Grécia, Líbia e Jordânia.

Na Reuters a diferença está na diminuição do número de países noticiados, 66 filiados à ONU e três não, totalizando 69. Quanto ao volume de inserções a distribuição ficou a seguinte: Iraque, 210 inserções; EUA, 195 inserções; Palestina, 98 inserções; e Israel, 88 inserções noticiosas. Com apenas uma inserção figuram 21 países, entre eles Suécia, Arábia Saudita e Ruanda.

Notamos que nas duas agências há coincidência entre os mais noticiados – Estados Unidos, Iraque, Palestina e Israel, sendo que todos estão envolvidos em conflitos bélicos.

Em ambas as agências alguns países têm uma inserção alta, acima de 20, como é o caso da Itália, Federação Russa, França e Espanha. Note-se que na EFE e na REUTERS, tanto a Itália como a França recebem um número considerável de inserções: na primeira, França 85 e Itália 38; e na segunda, França, 87 e Itália 27. Ressaltamos que estes números dizem respeito a praticamente um único assunto: conflitos em relação à lei do primeiro emprego e eleições, respectivamente.

O aproveitamento noticioso pelos pesquisados brasileiros confirma a ordem de inserção das agências: a seqüência de países é praticamente a mesma. Assim temos em OEstado 66 países noticiados, no Jornal do Brasil 71 e em OGlobo Online 68. Os mais noticiados são Estados Unidos, Iraque, Israel e Palestina.

Note-se que a lista de países noticiados difere entre uma e outra pesquisada, sendo rara a coincidência de país e número de inserções - como é o caso da África do Sul, presente nas três com apenas uma inserção.

Nos comparativos sobre o aparecimento de notícias de países conforme o Índice de Desenvolvimento Humano, no quesito “possibilidade de adquirir conhecimento”, o que se percebe é uma semelhança muito grande entre os pesquisados no Brasil. Os países com alto grau de desenvolvimento têm um aparecimento maior, no entanto isso pode ser explicado se considerarmos que no período pesquisado EUA, França, Espanha e outros estiveram na mídia internacional por fatos como o acordo de paz entre o governo espanhol e o ETA, as manifestações de rua na França e, claro, a ofensiva dos EUA no Iraque e as discussões sobre a lei da imigração naquele país.

Já os países com baixo IDH, como nos mostram os gráficos a seguir (Figuras 5 a 7), têm pouca presença na agenda noticiosa e, como é possível visualizar, têm praticamente os mesmos índices nos três pesquisados. A explicação para tal pode estar na resposta do Editor de Internacional de OEstado, Carlos Pavan, que assume que a Agência prioriza os assuntos que afetam diretamente ao Brasil – Iraque e Oriente Médio em razão do petróleo e dos negócios brasileiros na região - e depois àqueles com potencial de alterar o cenário político mundial – eleições em Israel e na Itália.

Note-se que o item “não pesquisado” tem um bom índice de inserção. Essa nomenclatura diz respeito a países como Iraque, Afeganistão, Coreia do Norte e alguns recém-criados depois da reorganização da Federação Russa e Europa, onde a ONU não aplica a pesquisa.

Selecionando países para entender o problema

Precisamos saber de tudo o que ocorre no mundo? Uma enchente, um terremoto, um assassinato, a gravidez de uma atriz famosa e até a morte de dois desconhecidos? Essa seria a visão perfeita da aldeia global, onde todos sabem tudo sobre todos os assuntos?

Nosso objetivo, é analisar a combinação de assuntos e países noticiados e a frequência que estes aparecem no noticiário dos pesquisados brasileiros. Salientamos que embora Israel, Estados Unidos, Palestina e Iraque sejam os mais noticiados no período de 15 a 31 de março de 2006, na EFE, Reuters, O Globo Online, JB Online e O Estado Online, esses países foram descartados da análise, pois os conflitos bélicos tornam sua presença obrigatória no universo noticioso e isso poderia gerar distorções na pesquisa. Um exemplo dessa possível distorção está no exemplo de Israel – no período a Reuters distribuiu 88 notícias, dessas 52 sobre o conflito com os árabes, 36 sobre as eleições legislativas e somente duas sobre o cotidiano do país: “Hospital seqüestra criança, pois família não tinha dinheiro para pagar a conta”⁶ e “Israel pode ter seu primeiro caso da gripe aviária”⁷.

Para efeito de análise selecionamos 15 países, descartados os acima citados, assim distribuídos: cinco mais noticiados, cinco com inserções medianas e cinco menos noticiados nas agências distribuidoras EFE e Reuters. O Centro de Informações da ONU, por critério metodológico, não entrou nessa escolha já que seus boletins noticiosos tratam de assuntos e não de países, especificamente. Assim, os países analisados serão: (1) mais noticiados: China, França, Irã, Federação Russa e Espanha; (2) com inserção mediana: Alemanha, Índia, Itália, Reino Unido e Japão; e (3) os menos noticiados: Camarões, Libéria, Vietnã, Suécia e México (Quadro 1).

⁶ - Publicada no O Estado Online em 19 de março de 2006.

⁷ - Publicada no O Estado Online em 23 de março de 2006.

Quadro 1 - Países escolhidos para análise e respectivas inserções

	Reuters	EFE	OEstado Online	OGlobo Online	JB Online
China	45	120	19	17	11
França	87	85	35	33	32
Fed.Russa	32	40	6	8	7
Espanha	31	31	11	18	10
Irã	56	133	36	31	19
Alemanha	16	21	4	6	6
Índia	19	40	5	4	6
Itália	27	38	6	19	6
Japão	18	26	1	6	2
R. Unido	18	57	15	27	14
Camarões	2	4	1	1	1
Libéria	3	18	3	3	3
México	4	31	8	8	2
Suécia	1	3	2	2	2
Vietnã	1	2	1	-	-

Fonte: Banco de dados da pesquisadora

Para entender a agenda internacional informativa é preciso um desenho dos assuntos, um a um. O cruzamento nos dá um mapa noticioso bem diferenciado. Enquanto os países do chamado primeiro mundo têm lugar de destaque, outros em desenvolvimento e sub-desenvolvidos são relegados ao plano dos acontecimentos trágicos e do inusitado, com raras exceções.

O mesmo mapa nos mostra que, em quantidade de notícias, embora alguns países tenham destaque na geopolítica/economia mundial, como a Federação Russa, ou a Rússia somente, Japão, Coreia do Sul e outros não aparecem no cenário informativo em correspondência à sua importância econômica e política. Outros como a Noruega, Suécia, Dinamarca e Holanda, que não têm importância econômica/política, mas desfrutam de altos índices de desenvolvimento, ficam juntos com os de terceiro mundo,

relegados a um segundo plano. A Dinamarca, por exemplo, aparece no período pesquisado com duas inserções, ambas a respeito da publicação das charges contra o Islã.

No entanto, notamos, que dos 10 primeiros mais noticiado, à exceção do Irã, todos integram o chamado primeiro mundo, quando não integrantes do G7. Mas o que explica essa agenda? A geopolítica ou a polaridade exercida na vida mundial pelos Estados Unidos a partir da queda do muro de Berlim e da abertura soviética? Verificamos que no cruzamento entre assuntos e países a agenda está de acordo com a agenda política e econômica americana, ou seja, o combate ao terror, os interesses da política exterior americana, no caso das eleições em diversas partes do planeta – Peru, Bolívia, Itália, Israel e Palestina – e, no caso da economia, a abertura de novos mercados.

Um mundo de assuntos

A partir das três grandes categorias, analisamos o cenário noticioso internacional a partir dos assuntos de interesse da mídia, nos concentrando no 15 países escolhidos, para, a partir daí, fazer aferições e possibilitar conclusões. Para análise as notícias foram categorizadas por temas:

- notícias temáticas: (1) saúde, (2) educação, (3) sociedade, (4) economia, (5) vida política, (6) questão nuclear, (7) religião e (8) meio ambiente;
- eventos (não programados): (1) desastres naturais, (2) desastres tecnológicos, (3) terrorismo e (4) conflitos bélicos;
- não eventos (*fait divers*): (1) celebridades e (2) curiosidades.

Tanto na Reuters quanto na EFE os assuntos relacionados aos países analisados são coincidentes e em percentuais praticamente iguais.

A distribuição de assuntos, tal qual de países, também mostra concentração e privilégio de alguns. Nos pesquisados brasileiros, a partir das categorizações prévias foi possível identificar os assuntos mais noticiados e relacioná-los com os países nos quais os fatos acontecerem. Os gráficos a seguir dizem respeito ao total noticiado e não aos países analisados (Figuras 2 a 4).

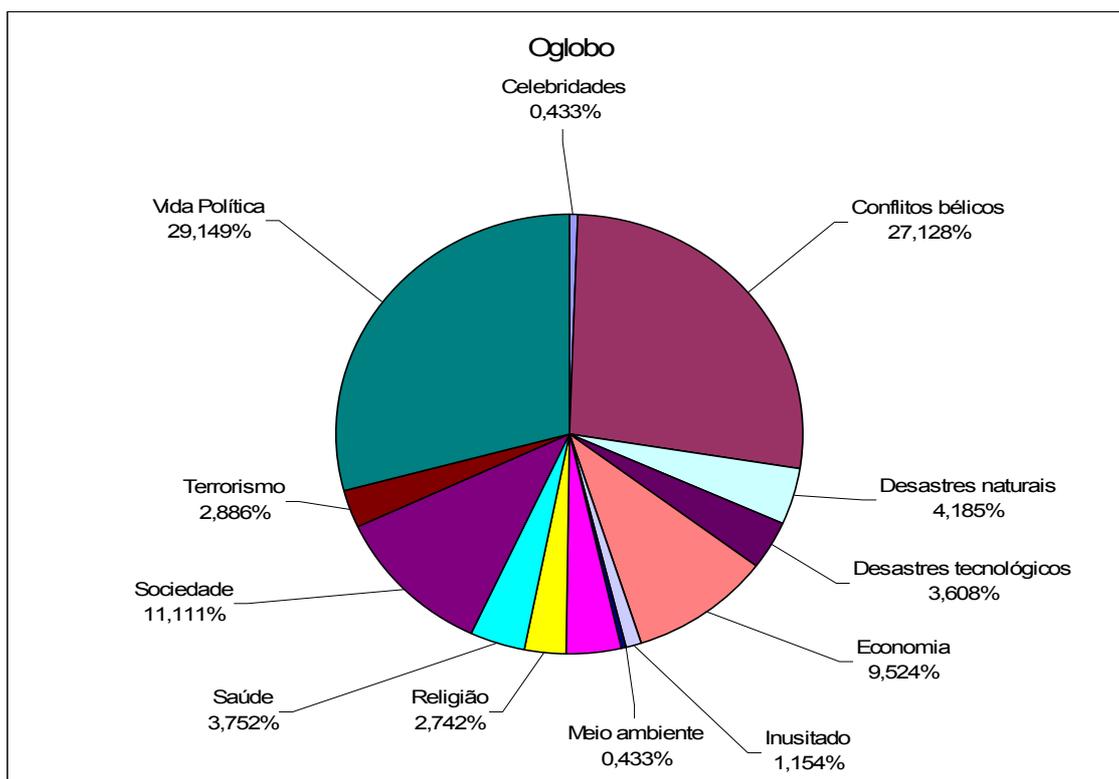


Figura 2 – OGlobo Online - Distribuição de Assuntos

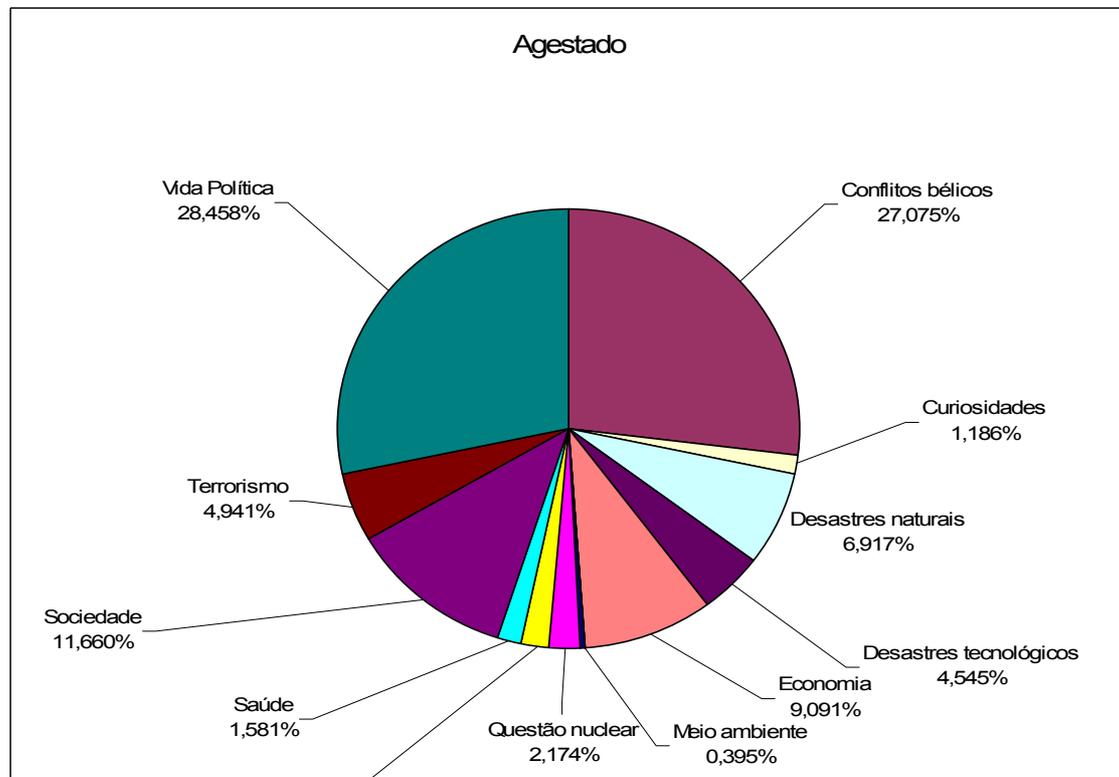


Figura 2 – OEstado Online - Distribuição de Assuntos

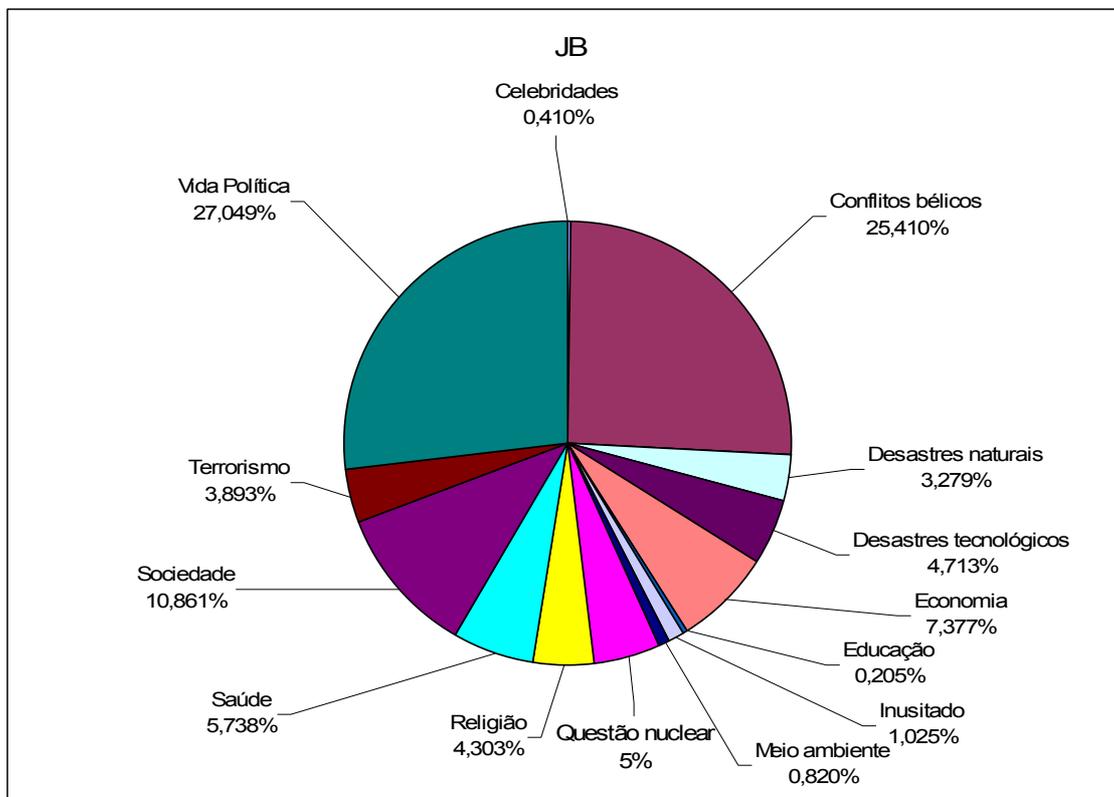


Figura 4 – JB Online - Distribuição de Assuntos

Como é possível verificar, a Vida Política (eleições, diplomacia, relações internacionais, ajuda humanitária, etc.) tem grande destaque nos pesquisados brasileiros, bem como nas distribuidoras, seguida dos conflitos bélicos – esses, claro, marcados pela Guerra do Iraque e pelos conflitos entre Israel e Palestina e outros étnicos em diversos pontos do planeta como Uganda, Índia e Nepal.

Outras categorias noticiosas de destaque são a Economia e as relacionadas em Sociedade, esta com destaque para assuntos como imigração ilegal e tráfico de drogas. Notamos que no período da pesquisa, a Educação foi menos noticiada que as chamadas Celebidades.

Considerações finais

As recentes cobertura da crise do Irã, no caso da morte da estudante Neda Agha Soltan que teve sua morte publicizada por centenas de blogs e vídeos postados no

Youtube, bem como os protestos ocorridos na China ou mesmo na vizinha Onduras com a deposição do presidente José Manuel Zelaya, mostram que a Internet trouxe novos ares para a comunicação e em especial para o jornalismo. Se os dados apontam para uma crise nos meios de comunicação de massa tradicionais, por conta de uma série de fatores, inclusive de credibilidade, o uso da Internet para fins informativos cresce a cada ano. No entanto, é preciso salientar, que embora tenha contribuído para uma maior disseminação de conteúdo, falta a preocupação com o distanciamento do olhar desses produtores e a possibilidade quase nula da verificabilidade das informações repassadas.

A construção da agenda informativa internacional, ou seja, a relação de temas que são cobertos por agências, jornais, revistas, e mais recentemente suas versões *on line*, está intimamente ligada ao poder econômico e político e é instrumento de expansão do capitalismo. A polaridade na distribuição informativa internacional marcada, nas décadas de 60 e 70, pela guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética, desapareceu do cenário midiático mundial. Hoje o que verificamos é uma forte presença dos assuntos de interesse americanos na mídia internacional, desde a economia ao combate ao terrorismo e, em alguma medida, as questões de interesse da União Européia, enquanto bloco, embora em menor escala.

A presença de praticamente todos os continentes na mídia internacional, sob forma de notícias, é derivada da expansão do capitalismo e do recrudescimento da política exterior americana. Assim, por exemplo, o combate aos maoístas no Nepal, os cortes de ajuda financeira aos estados palestinos, as sanções econômicas contra Cuba, Coreia do Norte e Irã, a intervenção no Iraque e Afeganistão, as disputas com os nacionalistas latino-americanos da Venezuela, Peru, Bolívia e mesmo Brasil, estão intrinsecamente ligados a esses dois fatores.

Por outro lado, a cobertura acerca de grandes catástrofes se dá pela extensão das mesmas e com a repetição das áreas. A imprensa, embora condicionada por fatores econômicos e políticos, não pode ignorar os efeitos da presença do homem no planeta e, em muitos casos, a omissão estatal. É importante salientar que o determinante do agendamento se verifica ao extremo nestes casos. Se em janeiro de 2005 o mundo noticioso voltava seus olhos para a Ásia e Oceania, por causa das tsunamis e sua

dimensão – tanto social quanto econômica, passados quatro anos a região afetada não é mais notícia. No imaginário mundial tudo voltou à normalidade. Eventualmente, a região vira notícia quando uma nova catástrofe acontece, no entanto, sem que seja mencionada a anterior.

Assim, também, se dá com países que enfrentaram conflitos armados na história recente. Timor-Leste, Bósnia-Herzegovina, Macedônia e outros aparecem na mídia com temas diferenciados dos conflitos que mataram milhares de pessoas e marcaram a história de cada país. O cotidiano dessas regiões e povos devastados pela guerra só interessa quando o evento está acontecendo. Essa situação pode ser aferida também no caso do Afeganistão, que voltou às páginas internacionais a partir do recrudescimento dos casos de terrorismo, e não como país ocupado e ainda em guerra com os Estados Unidos. Como exemplifica Leão Serva (50), “[...] a longevidade da guerra civil em Angola, desde 1974, faz com ela não seja mais notícia em si. Quando, no entanto, como ocorreu em 1992 e em 2000, estouraram novas ondas e conflito, Angola subitamente vira notícia”.

Embora a economia mundial esteja globalizada - prenúncio feito pelo fim das fronteiras econômicas e comerciais a partir de acordos como os da União Européia, ALCA e MERCOSUL - a resistência cultural permanece e se acirra. Analisando os dados de exclusão social e tecnológica, e acrescentando a eles, dados da concentração dos *midia*, é difícil imaginar que uma tecnologia específica, no caso a Internet, possa ter mudado um quadro histórico, embora tenhamos que reconhecer que a circulação e a disponibilidade de informações são imensamente maiores com a implantação dela. E mais, a realidade que se apresenta é que com as novas tecnologias àqueles que têm acesso a elas podem fugir do tradicional e montar sua própria agenda de interesses. Para isso contam com o auxílio de *softwares*, a exemplo do RSS e outros, onde o que importa é a escolha do assunto pelo usuário e não a quantidade de material à disposição.

Embora afirmemos que o fluxo informativo internacional não mudou, ou seja, a relação entre as agências e os meios tradicionais de comunicação permanece inalterada e a dependência destes continua, salientamos que as tecnologias dão ao cidadão a possibilidade de consumir notícias e informações de fontes alternativas variadas. E aí

está a grande mudança: o entrelaçamento da utopia de McBride com o mundo visionário de McLuhan.

Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miquel Rodrigo. (1991) Los médios de comunicaci3n ante el terrorismo. Barcelona: Editorial Icaria
- BAGDIKIAN, Ben. (1987) Media monopoly. Boston: Beacon.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. (1991) Além dos meios e mensagens: introduç3o à comunicac3o como processo. Tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes.
- CANCLINI, Nestor Garcia. (1996) Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalizac3o. Rio de Janeiro: UFRJ.
- CASTELLS, Manuel. (1999) A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra.
- CHESNAIS, François. (1996). A mundializac3o do capital. São Paulo: Xamã.
- CLARK, Arthur. (1972) 2001- Uma odisséia no espaço. 6 ed. São Paulo: Express3o e Cultura.
- GALTUNG, Johan e RUGE, Mari H. (1965) A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentac3o das crises do congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: LOZANO, J. C. et al. (1998) - La informaci3n internacional en la prensa latinoamericana. Comunicac3o apresentada ao GT de Estudos de Jornalismo no Congresso da ALAIC - Associaç3o Latino-Americana de Investigadores em Comunicac3o. Recife, Brasil, set.1998.
- MATTA, Fernando Reyes et. (1980) A informac3o na nova ordem internacional. Rio e Janeiro: Paz e Terra.
- NUÑEZ DE CÁCERES, J. F. G. (1997) - Informaci3n Internacional en siete noticieros latinoamericanos de televisi3n. Disponível em <<http://gmje.mty.itesm.mx/ligas.html>>. Acesso em 19.fev.2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. (2004) Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD). Relatório.

SALINAS, Raquel (1984). Agencias transnacionais de informacion y el tercer mundo. Quito: UNESCO.

SOUSA, Jorge Pedro. (2000) As notícias e os seus efeitos: as 'teorias' do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Coimbra: Minerva.

STEINBERGER, Margarethe Born. (2005) Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Cortez Editora e Editora da PUC.

TRAQUINA, Nelson. (1999) A redescoberta do poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva.

VÉRON, Eliseo. (1977) Ideologia, estrutura e comunicação. São Paulo: Cultrix.